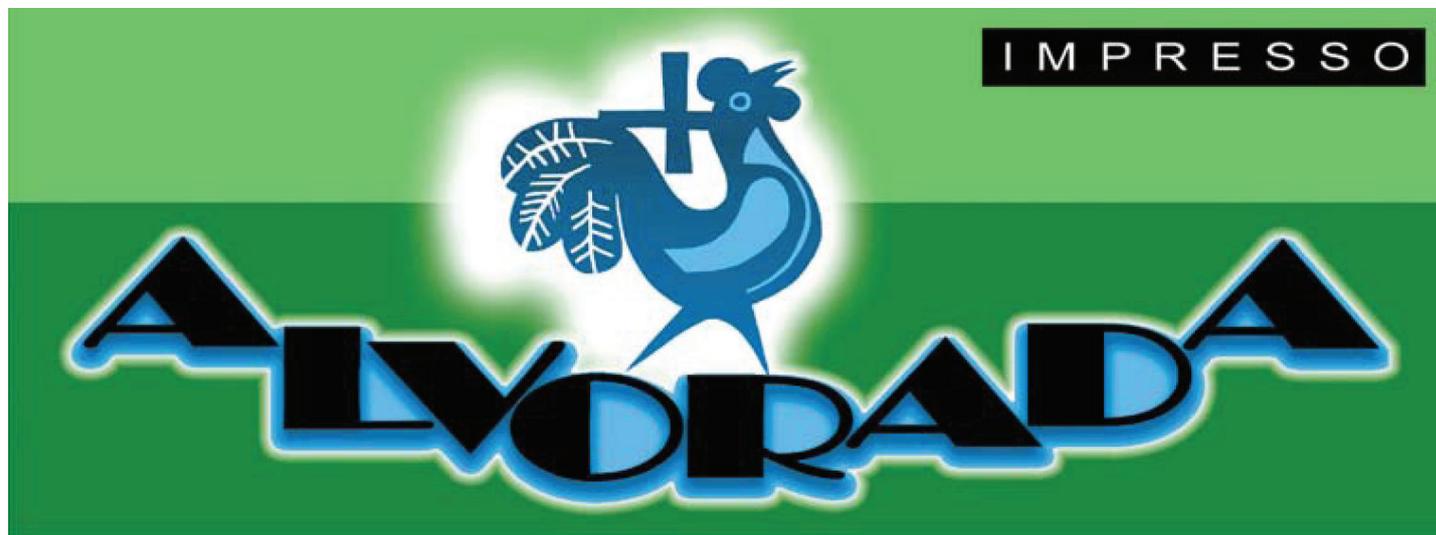


**PEDRO,
90
ANOS
DE
VIDA**

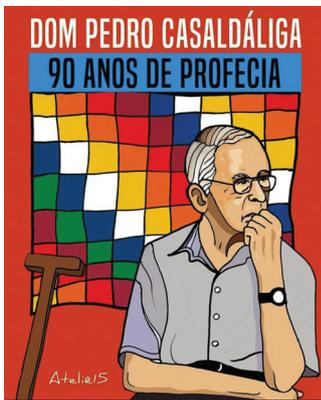
**50
DE
BRASIL**

Foto: Douglas Mansur



PRELAZIA DE SÃO FÉLIX DO ARAGUAIA, MT

ANO 49 – EDIÇÃO ESPECIAL, N° 322 – FEVEREIRO 2018



A PRESENÇA DA PRELAZIA NA VIDA DO POVO

2

Celebrando os 90 anos de vida de Dom Pedro Casaldáliga é oportuno lembrar o que significa a Prelazia de São Félix na vida do povo, visto que ele dedicou mais da metade da sua vida servindo o povo do Vale do Araguaia e a ação dele marcou profundamente a história desta região até os dias de hoje. Mesmo depois de se tornar emérito, Dom Pedro ainda é visto como o Bispo de São Félix do Araguaia e a memória de seu ministério profético continua a impulsionar as comunidades desta Igreja. Foi graças a Dom Pedro e à equipe que trabalhou com ele por longos anos que a Prelazia é vista como uma presença firme ao lado dos pequenos e dos marginalizados. Presença que continua hoje através do acompanhamento constante no caminho de fé das comunidades tanto rurais como urbanas e das pastorais sociais. Através destas últimas, a Prelazia se faz presente na vida do nosso povo, para além da pertença religiosa e de outras discriminantes. A Pastoral da Criança, presente em todos os 15 municípios da Prelazia, acompanha as crianças de 0 a 6 anos de idade e as mães desde a gestação. Dessa forma presta assistência a centenas de crianças e mães. A CPT (Comissão Pastoral da Terra) acompanha os pequenos agricultores e os trabalhadores rurais em suas lutas por terra e seus direitos. O CIMI (Conselho Indigenista Missionário) procura acompanhar no que for possível as nações indígenas que vivem no território da Prelazia. O Centro de Defesa dos Direitos Humanos Dom Pedro Casaldáliga, constituído no ano passado, se ocupa da formação e esclarecimento das pessoas quanto aos direitos humanos e acompanha as denúncias de violação destes direitos no território.

Sendo que a Prelazia teve uma atuação decisiva tanto no campo da educação como no da saúde nas décadas de 70 e 80 do século passado, atualmente, está retomando esta presença através do Projeto de Educação para uma Cultura de Paz que envolve as escolas da rede municipal e estadual de vários municípios, juntamente com as secretarias municipais de educação, saúde e assistência social. Para os próximos anos contamos alcançar com este projeto todos os municípios da Prelazia.

No campo da saúde, com o desenvolvimento de terapias de acupuntura, homeopatia e biomagnetismo e com o treinamento de terapeutas populares em vários municípios, a Prelazia quer ficar junto com o nosso povo que sofre de inúmeras doenças e tem difícil acesso aos centros da medicina oficial, proporcionando tratamentos eficazes e com baixo custo.

Para uma formação humana e cristã das nossas lideranças, desde 2015 há na Prelazia uma Escola de Teologia para preparar ministros ordenados e teólogos e teólogas que se ocupem da formação permanente das nossas comunidades. Desde 2015, há uma Escola de Animadores de Comunidade e Missionários para preparar lideranças capazes de organizar e acompanhar as nossas comunidades na vivência de uma fé adulta e transformadora da realidade conforme o projeto de justiça e de partilha ensinado por Jesus. Continuando a tradição profética desta igreja, a Prelazia procura trabalhar para que o Evangelho seja de fato Boa Notícia para os pobres e marginalizados e por todos os homens e mulheres que acreditam no projeto

de Jesus, não tendo receio de se opor aos projetos de morte que visam o lucro de alguns desrespeitando a dignidade das pessoas e não se importando com o cuidado com as matas, rios e os outros seres vivos do nosso cerrado.

Este ano também haverá o encaminhamento das Santas Missões que serão realizadas a partir de 2019 em todo o território da Prelazia. As Santas Missões serão uma grande oportunidade para a renovação da vida de fé das nossas comunidades e um modo para que o Evangelho de Jesus ressoe com força e traga alegria e coragem a todos. Esta será a melhor

forma de nos preparar para celebrar os 50 anos da fundação da Prelazia. A bula de instituição da Prelazia é de 1969 e a ordenação episcopal de Dom Pedro foi em 1971.

Sendo Igreja, Povo de Deus, a Prelazia de São Félix continua se preocupando com a vida na sua inteireza, fazendo próprias as dores, alegrias e esperanças do povo da região, como Igreja "em saída", como pede insistentemente o nosso Papa Francisco, Igreja servidora do Deus da vida.

Dom Adriano Cioca Vasino
Bispo de São Félix do Araguaia

90 anos de vida 50 de Brasil

Celebramos em 16 de fevereiro os 90 anos de nosso bispo emérito, Pedro Casaldáliga. Convivendo com o irmão Parkinson nos últimos anos - Paulo Gabriel o qualifica como um martírio - Pedro continua sendo uma referência de vida e de compromisso evangélicos com os pobres.

Ao mesmo tempo, comemoramos os 50 anos de Pedro no Brasil. Chegou em 28 de janeiro de 1968, e depois de uns meses de estudos e inculturação no Centro de Formação Intercultural, em Petrópolis, RJ, já no segundo semestre, junto com o Irmão Manoel Luzón, aportou em São Félix do Araguaia, onde plantou raízes profundas.

Para lembrar estas datas, Alvorada lança esta edição especial.

Algumas datas da vida de Pedro

16/2/1928 - Nascimento em Balsarenys, Catalunha, Espanha
1943 - Ingresso na Congregação Claretiana
31/05/1952 - Ordenação Sacerdotal
1968 - Chegada ao Brasil
27/04/1970 - Nomeado Administrador Apostólico da Prelazia de São Félix do Araguaia
23/10/1971 - Ordenação como bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia
1972 - Participação na Criação do CIMI - Conselho Indigenista Missionário
1975 - Participação na criação da CPT - Comissão Pastoral da Terra
11/10/1976 - Pe. João Bosco Penido Burnier é baleado ao seu lado
1985 - A partir deste ano visita Nicarágua e a América Central, algumas vezes
02/05/2005 - O papa aceita sua renúncia como bispo e se torna bispo emérito.



Publicação da
Prelazia de São Félix do Araguaia
alvoradaprelazia@gmail.com

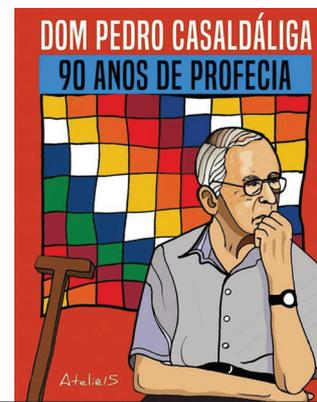
Prelazia de São Félix do Araguaia
Rua Açucena - Caixa Postal 43
Setor São Geraldo. CEP.: 78.655-000
PORTO ALEGRE DO NORTE (MT)
www.prelaziasaofelixdoaraguaia.org.br
E-mail: prelaziasaofelix@gmail.com
Fone: (66) 3569-1263

PARA ASSINATURAS E DOAÇÕES
Banco Bradesco S/A
Ag.: 1149-5 - Conta Corrente.: 2972-6
IBAN: BR96 6074 6948 0114 9000 0029 726C 1

ASSINATURA: Região R\$15,00 -
Brasil R\$30,00 - Exterior: Euro \$30,00

IMPRESSÃO: Scala Editora - Rua Itororó, 144, Bairro São Francisco - Fone: (62) 4008-2350 - Email: vendas@scalaeditora.com.br - 74.455-015 - Goiânia - Goiás

UMA NOVA FORMA DE TODA A IGREJA SER



Romaria dos Mártires da Caminhada 2016

PEDRO A. RIBEIRO DE OLIVEIRA

O filme e o livro *Descalço sobre a Terra Vermelha* é um belo testemunho da luta de um pequeno grupo que, liderado pelo bispo Pedro, dedica-se à defesa dos pobres nos sertões do Araguaia. Seu empenho em favor dos Direitos Humanos era tão grande que certas autoridades eclesiais questionavam se aquele bispo era mesmo um missionário do Evangelho ou somente um líder social... Não entendiam a evangelização como explicitação de uma prática libertadora, ou como me disse Pedro na última vez em que conversamos, que “missão é transmitir ressurreição”. Aquela suspeita, porém, não era inteiramente sem fundamento porque a pequenina Igreja que se constituía na região do Araguaia parecia não se preocupar com suas próprias estruturas, tão ocupada estava com as pessoas mais vulneráveis. Era uma Igreja “em saída” como pede hoje Francisco, e mal tinha tempo para se organizar internamente. Em todo caso, esta era a impressão que se tinha da Prelazia.

Diante daquela imagem, foi surpreendente para mim encontrar em 1989 uma Igreja bem estruturada com suas 103 comunidades. A avaliação pastoral que me foi enco-

mendada por ocasião dos 25 anos da Prelazia de São Félix do Araguaia deixou evidente que ali estava sendo gestada uma nova forma de Igreja no interior da Igreja Católica Romana. Descartando as antigas estruturas da cristandade que fazem o Catolicismo Romano parar no tempo – repetindo sempre as mesmas doutrinas e os mesmos rituais – a Prelazia conseguia realizar a difícil proeza de manter a fidelidade à Igreja sem curvar-se às imposições do Direito Canônico. Ao fazê-lo, ela lançava as bases para um novo modelo de Igreja para o século XXI.

No posfácio ao relatório da pesquisa, assinalo os traços fundamentais desse novo modelo:

- a participação igualitária e corresponsável, que não é um eufemismo para falar de democracia na Igreja, mas sim sua explicitação;
- a centralidade da Palavra de Deus, mais do que qualquer norma eclesial: se o Evangelho manda, não há quem convença do contrário aquela teimosa Igreja;
- a opção pelos pobres como compromisso da Igreja: quando está em jogo a vida e a digni-

dade do pobre aquela gente se mexe. A missão é universal e não há cúria ou polícia que amedronte aquele bispo, seus companheiros e companheiras;

- o Reino de Deus como fundamento último, que relativiza a Igreja e a religião como instrumentos úteis mas tão necessários quanto provisórios.

Por isso, conclui a pesquisa dizendo que ali se experimentava – dentro dos limites possíveis – um novo paradigma de Catolicismo romano. Essa experiência é como uma flor com nova carga genética a ser passada para as futuras sementes que,

ao caírem por terra, darão seu fruto no tempo certo.

O bispo Pedro foi, certamente, o artífice principal dessa mutação genética, embora só tenha conseguido essa façanha com a colaboração de mulheres e homens que deixaram tudo (inclusive sua congregação religiosa, como a tia Irene) para apoiá-lo em seu projeto missionário, e o aprendizado que teve com o povo ao qual servia. Ao celebrarmos seus 90 anos, temos que dar graças a Deus que visitou seu Povo e nos mandou Pedro para inspirar uma nova forma de toda a Igreja ser, como ele gosta de falar.

19 de janeiro de 2018

ELE TROUXE O CONHECIMENTO SOBRE DIREITOS

3

Eu sou filha de Elias Bento, fundador de Canabrava. Meu pai veio de Goiás, onde hoje é o Tocantins, veio com mais quatro criadores de gado. Primeiro, ele parou onde é o entroncamento de Canabrava, mas lá tinha muitas ervas que matavam os animais. Então, ele entrou mais para frente, chegando no local onde hoje é Canabrava. Quando meu pai chegou, não tinha nenhum habitante aqui.

Depois apareceu a Igreja, antes era só desobriga, os padres que vinham rezar a missa, casar, batizar e iam embora. Quando o pe. Pedro chegou, isso mudou. Uma coisa forte que ele trouxe como Igreja foi o conhecimento sobre os direitos. As pessoas aqui eram muito carentes de conhecimento. A gente não sabia que tinha direito à terra. O padre começou a orientar e ajudar o povo. Apoiou a permanência dos posseiros na terra, ajudando com arame farpado para que as pessoas pudessem criar suas vaquinhas.

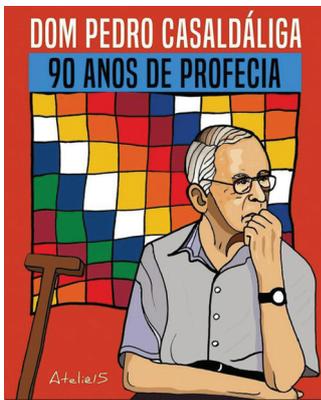
Eu tinha me casado com um peão de fazenda, ele era contra os posseiros, apoiava só os latifundi-

ários. E nós, meu pai e meus irmãos, nós éramos todos posseiros. Meu tio reservou uma terra para mim e meu marido. Mas ele não queria ser posseiro. Porém, quando viu que a terra era boa, ele quis ficar do nosso lado. D. Pedro conversou com ele, explicou como eram os latifundiários, e ele ficou do nosso lado. Acabou se tornando o maior amigo do Bispo aqui na Canabrava.

Outra coisa que devemos muita gratidão a D. Pedro é a escola. Ele enviou os agentes de pastoral para cá e eles cuidaram da escola. Antes, não tinha nada por aqui, a escola começou através do bispo.

Pedro sempre cuidou muito da gente, do povo pobre. Eu tive uma nenê e, com seis dias de nascida, deu tétano na minha bebezinha. Ele estava de visita em Canabrava com uma irmã. Eles levaram a nenê para São Félix, ela ficou internada durante sete dias e eles cuidando dela. Ele viu o nosso sofrimento e cuidava da gente!

Luzia Bento Piage
Canabrava do Norte



PEDRO E A QUESTÃO DA TERRA

ANTÔNIO CANUTO

Celebramos 90 anos de Pedro, 50 dos quais vividos em São Félix do Araguaia. 50 anos que deixaram muitas marcas na região.

Possivelmente, a marca maior foi o apoio declarado e firme na defesa do direito dos posseiros e dos índios à posse da terra, e aos sem terra à conquista de um pedaço de chão onde pudessem criar sua família com honestidade e dignidade.

Ele chegou no momento em que grandes empresas, sobretudo do Sul e Sudeste do país, se estabeleciam na região graças aos incentivos fiscais que lhes eram oferecidos pelo governo, para o ‘desenvolvimento’ da Amazônia. ‘Desenvolvimento’ que exigia invadir terras indígenas, expulsar comunidades inteiras de posseiros, que há décadas haviam se estabelecido na região e trazer trabalhadores braçais, para a derrubada da mata, os chamados de peões, que eram submetidos a situações mais que precárias, muito similares ao trabalho escravo.

Isto que o Brasil desconhecia, ganhou visibilidade no dia da ordenação episcopal de Pedro como bispo. Naquela data ele divulgou a carta pastoral: **UMA IGREJA DA AMAZÔNIA EM CONFLITO COM O LATIFÚNDIO E A MARGINALIZAÇÃO SOCIAL**. Nela apresentou o cenário da realidade em que a nova Prelazia de São Félix do Araguaia ia desenvolver suas atividades. E foram elencados, com documentos comprobatórios, os conflitos vividos pelas comunidades de Santa Terezinha e Porto Alegre, no município de Luciana, e as comunidades de Serra Nova, Pontinópolis e núcleos menores à beira da estrada, no município de Barra do Garças. A Prelazia se resumia a pouco mais que isso.

A carta também descrevia os conflitos envolvendo os índios Xavante, com a superpoderosa fazenda Suiá Missu; os Tapirapé, com a Fazenda Tapiraguaia e a situação do Parque Nacional do Xingu.

O tratamento que era dispensado aos peões mereceu um capítulo à parte. Ele, ainda Administrador Apostólico da Prelazia, em 1970, havia

divulgado um documento intitulado **ESCRAVIDÃO E FEUDALISMO NO NORDESTE DE MATO GROSSO**.

Não era a primeira vez que a Igreja se expressava em relação à terra no Brasil. A grande novidade da carta de Pedro é que, quase certamente, pela primeira vez um bispo se posicionava aberta e declaradamente a favor dos pequenos do campo, denunciando as arbitrariedades e barbaridades cometidas pelos grandes donos da terra. Nos documentos anteriores, por medo do comunismo, os bispos apelavam ao espírito cristão dos proprietários para que tivessem um comportamento mais humano com os seus trabalhadores. Pedro os denuncia com nome e sobrenome.

Esta carta teve grande repercussão em todo o Brasil e Pedro se tornou uma referência nacional quando o assunto da terra era debatido.

Os bispos da Amazônia puderam encontrar nesta carta um espelho de situações similares em suas Prelazias e Dioceses. Pedro então sugeriu que eles

lheres da terra. Essa comissão se tornou a **COMISSÃO PASTORAL DA TERRA – CPT**. Pedro participou intensamente da vida da CPT, não faltando nunca às suas Assembleias. No período de 1981 a 1985 foi seu vice-presidente.

À medida em que eram abertas estradas, muitas pessoas de outras partes do Brasil chegavam à região e provocavam uma intensa migração interna. Pedro, com a equipe pastoral, acompanhava com atenção o que acontecia. Todos os posseiros e os sem terra sabiam que podiam contar com o apoio da Prelazia.

Em 1977, Pedro foi convocado a dar seu depoimento à Comissão Parlamentar de Inquérito, CPI, criada na Câmara Federal para “investigar as atividades ligadas ao sistema fundiário em todo o território nacional”. Pedro apresentou com detalhes e provas como índios, posseiros e peões eram tratados.

A partir do final da década de 1970, começaram a chegar, sobretudo do sul, famílias inteiras trazidos por Colonizadoras. Com muitas promessas

guiram o reconhecimento da área onde viviam, na barra do rio Tapirapé com o Araguaia. E depois os Tapirapé puderam contar com apoio na sua luta pela recuperação de seu território antigo do Urubu Branco, nas proximidades com a Confresa.

Se os índios tinham direito à sua terra, os posseiros que haviam se estabelecido dentro desta área, deveriam ser assentados em outros assentamentos. Era isso que Pedro sempre defendeu.

Uma situação que ganhou muita repercussão foi a da terra dos Xavante, Mariowatsédé, na Suiá-Missu. Pedro, quando chegou, ficou sabendo que dois anos antes os remanescentes de Xavante que existiam na região, onde se instalou a fazenda Suiá-Missu, haviam sido retirados de suas terras e transportados, em avião da FAB, para longe. Pedro acompanhou e apoiou a luta destes Xavante que queriam voltar para seu antigo território.

Quando se ficou sabendo que uma parte da fazenda tinha sido reservada para os Xavante, fazendeiros e políticos usaram de todos os estratagemas possíveis para evitar que voltassem. E buscaram centenas de famílias para ocuparem a terra que era dos índios. A maior parte caiu na conversa deles.

Quando ao final, a Justiça decidiu que a terra era mesmo dos Xavante, Pedro que sempre foi o grande defensor dos pequenos, foi acusado de ser o responsável pela retirada das famílias, apesar de elas terem ocupado a terra sabendo que que era dos índios. E a maior parte da opinião pública da região, ligada aos interesses dos grandes proprietários, influenciou muita gente que acabou vendo em Pedro um inimigo dos pequenos. Até ameaças de morte ele chegou a receber. Isso aconteceu em 2012.

Mas se hoje a região é o que é, se muitos municípios foram criados, se deve em grande parte à luta destemida de Pedro ao lado dos pequenos.

Alguém registrou algum benefício deixado pelas grandes empresas que receberam vultosos recursos dos incentivos fiscais? Alguma destas empresas continua na região?



Pedro falando no III Congresso do MST, 1995

se encontrassem para partilharem entre si a situação que cada um vivia e para se procurarem alguns caminhos comuns de enfrentamento desta realidade.

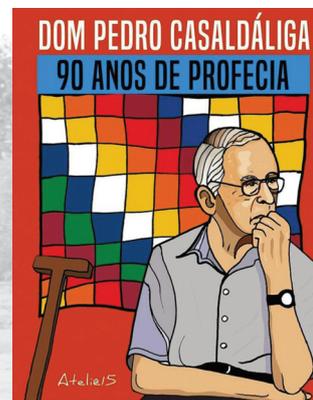
O encontro de bispos e preladados da Amazônia acabou acontecendo em junho de 1975, em Goiânia. Nele os presentes decidiram pela criação de uma Comissão que assessorasse, interligasse e motivasse as igrejas particulares a assumirem as causas dos homens e mu-

os colonos chegavam e muitas vezes encontravam uma realidade diferente. A Prelazia os acolheu e denunciou muitas das arapucas que foram armadas para os atrair.

Posseiros X índios

Pedro sempre apoiou a luta dos índios na defesa de suas terras. Assim os Tapirapé, ao lado dos Karajá, conse-

PEDRO NOS SUSTENTOU E GUIOU



IRMÃZINHA ODILA DE JESUS

A Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus chegou ao Brasil em 1952. A primeira casa ou fraternidade aberta foi em resposta a um chamado dos Frades Dominicanos de Conceição do Araguaia para viver com o povo Tapirapé, pois sua sobrevivência corria perigo. Eles os conheciam e visitavam nas desobrigas desde os anos de 1913, quase 40 anos.

Chegando ao Brasil, Irz. Madalena, nossa fundadora, foi acolhida no Rio de Janeiro por Dom Hélder Câmara, bispo auxiliar, que sempre manteve amizade conosco. Ele foi uma presença marcante no Concílio Vaticano II provocando diversos bispos do mundo inteiro e a assumirem o que ficou conhecido como Pacto das Catacumbas.

Foi no contexto do fim do Concílio Vaticano II, que chegaram Pedro e Manoel em 1968. Na América Latina realizava-se a Assembleia Geral dos Bispos, em Medellín, na Colômbia.

Já fazia dezesseis anos que vivíamos com os Tapirapé. E estávamos na expectativa: haveria continuidade na aceitação e apoio para nossa Fraternidade com os Tapirapé com a vinda dos dois Claretianos da Espanha?

Nossos receios se desfizeram, pois a aceitação e o apoio se multiplicaram por cem, com muita busca e muita amizade de como viver o Evangelho em meio a esse povo, aprendendo e respeitando.

Pedro foi e é companheiro e guia no caminho, viveu conosco a busca e a aventura com os Tapirapé como hóspedes, como irmãs, como aprendizes, como amigas no contexto real da sociedade em tempo de ditadura.

Pedro, Manuel e toda a equipe da Prelazia nos fortaleceram e animaram na nossa "vocação" de viver o Evangelho com a vida, mistério da pequenez e da vulnerabilidade de Deus em Belém e em Nazaré. Estiveram conosco sempre na busca de contemplar Deus, no seguimento e à maneira de Jesus.

Na Igreja nasceu o CIMI, que abriu espaços de escuta e de reflexão intensa para os e as que viviam com os

Foto: Arquivo da Fraternidade Tapirapé



povos indígenas do Brasil e, ousado dizer, do mundo. Pedro foi um dos fundadores, junto com Dom Tomás, deste Conselho de articulação das ações missionárias. Nessa intensa troca e partilha mútua, não somente nós da fraternidade com os

Tapirapé, mas também toda a Fraternidade bem como os povos indígenas de nossa região e do Continente, recebemos o cêntuplo.

O espaço e o direito dos povos indígenas se tornaram mais visíveis, mais conhecidos, mais respeitados em meio a muitas lutas e mortes matadas. Posso dizer que "a causa indígena" avançou. Pedro foi voz ativa nessa caminhada.

Pedro foi imensamente amigo de todas nós e lembro, com carinho e emoção, o que Irz. Mayie partilhava desse percurso de sintonia com Pedro, na vivência, buscando e alumando o "rosto de Deus" nesse cotidiano indígena que questiona e interpela.

Com certeza, cada uma de nós, que no Tapirapé vivemos, sabemos o quanto Pedro nos sustentou e guiou e não há palavras para dizê-lo.

Lembrando seu aniversário de 90 anos, todas nós sabemos que ele viveu em sintonia com muitos e muitas

nessa busca e nessa contemplação esperançosa e nessa rede de VIDA que foi e é imensa.

Hoje, ele está no limiar da última passagem da morte para VIDA, muitas passagens viveu, compadecendo, sofrendo e vivendo as muitas mortes que a vida trouxe e sempre traz. Mistério e Páscoa.

Como ele e José Maria Vigil escreveram faz tempo: "...Toda espiritualidade é uma aventura em aberto, uma luz totalmente arriscada, o jogo máximo de nossa liberdade: é tanto o sentido como a busca de nossa existência" (do livro "Espiritualidade da Libertação")

Assim, celebramos esses 90 anos cheias de agradecimento e de alegria caminhando para a Páscoa. Obrigada, Pedro, contigo vivemos o mistério do encontro e convivência com seu "irmão Parkinson", na certeza da PRESENÇA Daquele que nos habita e nos ama.

6 de janeiro de 2018

A função do bispo Pedro: conhecer o povo mais pobre e lutar para resolver os problemas

Vou falar sobre o Bispo Pedro, na época, ele era bispo. Ele chegou na região para dar apoio à questão do mais pobre, ao mais necessitado da região. Então, ele veio cuidar mais dessa parte. Para nós, povo Apyãwa, ele começou fazendo visitas, reconhecendo, vendo a questão nossa, para saber de nossa história, dos problemas que a gente enfrentava, as questões da terra, da saúde, da educação também. Visitando a nossa comunidade, ele foi conhecendo os nossos problemas.

Ele também fez esse trabalho com os posseiros da região. Essa era a função dele como bispo, conhecer o povo mais pobre da região e lutar para resolver os problemas que as pessoas enfrentavam.

O povo Apyãwa estava na luta, buscando uma solução para a questão territorial. Então, ele acompanhou tudo isso, não só para o povo Apyãwa, mas também para os outros

povos da região, os Karajá, os Xavante, sempre apoiando a questão da terra, da saúde, da educação.

O nosso povo reconhece que ele veio fazer esse trabalho apoiando a nossa luta pela educação, pela terra.

Ele demonstrou muito, assim, a vontade de solucionar os problemas. Lutou junto. Participou de muitas assembleias do Mato Grosso.

Ele trabalhou em cima disso, junto com sua equipe. Ele montou uma equipe e juntos trabalhavam para superar as dificuldades que os povos indígenas e os posseiros enfrentavam. Era uma luta muito ampla, recebia muitas ameaças, mas nem por isso ele desistiu. Estava sempre pronto para lutar junto com os povos da região.

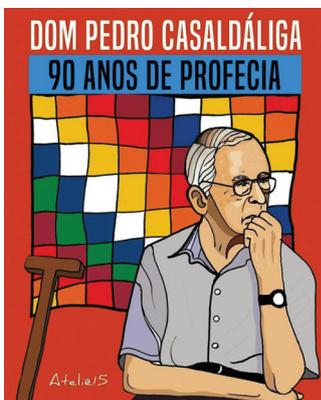
A gente reconhece o esforço que ele fez, lutando junto com as pessoas aqui da região. Ele sempre foi uma pessoa muito responsável na luta, não desistiu de lutar junto com o povo da região

As fazendas que a gente conhece que ele enfrentou foi a Fazenda Codeara, a fazenda Tapiraguaiá, na região de Santa Terezinha, perto do Araguaia e tinha a Fazenda Suia Missu, lá ele lutou junto com o povo Xavante para eles poderem conquistar o território deles.

Depois, aqui no território do Urubu Branco, teve várias fazendas, a fazenda Lucrean, fazenda Sapeva, fazenda Santa Laura, aqui no interior do território, são as grandes fazendas que ele enfrentou junto com a gente para conquistar esse território tradicional do povo Apyãwa.

Pedro sempre foi conhecido pelo povo Apyãwa como xeramoja. Xeramoja na nossa língua significa vovô, nosso avô!

Kamoriwa'i Elber Tapirapé,
cacique do povo Apyãwa-Tapirapé



O ARAGUAIA É

Na comemoração dos 90 anos de Pedro nada melhor do que rememorar o momento significativo de sua ordenação episcopal, à beira do Araguaia. Por isso reproduzimos o que foi publicado em Retalhos de Nossa História, edição de setembro/outubro de 1996, do nosso Alvorada.

São Félix do Araguaia, 23 de outubro de 1971. Noite. À beira do rio, Dom Fernando Gomes dos Santos, arcebispo de Goiânia, Dom Tomás Balduino, bispo de Goiás e Dom Juvenal Roriz, bispo de Rubiataba, consagram como bispo a Pedro Casaldáliga.

Esta ordenação marcaria profundamente a história da recém-criada Prelazia de São Félix do Araguaia e, podemos dizer, da igreja do Brasil

Uma celebração carregada de fé, de simplicidade e de cheiro do povo e que teve o Araguaia como testemunha.

CHAPÉU DE PALHA

Como sinal de identificação com o povo e do despojamento com que esta igreja queria se revestir, o novo bispo não aceitou qualquer insígnia ou distintivo que o distanciasse do povo a quem queria servir.

A mitra foi substituída por um chapéu de palha sertanejo. Um remo, feito pelos Tapirapé, substituiu o báculo. O anel de tucum, feito pelos índios da região, marcaria o compromisso com sua causa. (O anel que cursilhistas amigos de Madri enviaram, foi mandado como recordação e sinal de carinho à velha mãe, na Espanha).

Assim dizia o cartão-lembrança distribuído aos presentes:

Foto: Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia



Pedro recebe de Marcos Xakoipãri, chefe Tapirapé o remo-báculo

“Tua mitra será um chapéu de palha sertanejo, o sol e o luar; a chuva e o sereno; o olhar dos pobres com quem caminhas e o olhar glorioso de Cristo, o Senhor.

Teu báculo será a verdade do Evangelho e a confiança do teu povo em ti.

O teu anel será a fidelidade à Nova Aliança do Deus Libertador e a fidelidade ao povo desta terra.

Não terás outro escudo que a força da Esperança e a liberdade dos filhos de Deus, nem usarás outras luvas que o serviço do Amor.”

As leituras bíblicas, traduzidas para a linguagem regional, lembravam os compromissos que o bispo assumia naquele momento.

“Eu sou o bom vaqueiro. O bom vaqueiro arrisca vida pelo seu gado. Aquele que não é vaqueiro e que não zela o gado, quando vem a onça, ele foge.

Eu sou o bom vaqueiro. Conheço o meu gado e o meu gado me conhece e dou a minha vida pelo meu gado. Tenho outros gados que não estão neste retiro. Eu devo ir atrás deles. E eles escutarão o meu aboio e haverá um rebanho só.” (Jo 10, 11-16)

Foto: Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia



Pedro de joelhos, Dom Fernando Gomes dos Santos

“UM DOCUMENTO DE DO

No dia da sagração episcopal foi distribuída a Carta Pastoral “UMA IGREJA DA AMAZÔNIA EM CONFLITO COM O LATIFÚNDIO E A MARGINALIZAÇÃO SOCIAL”. Em 123 páginas, a carta descreve a Prelazia, sua situação geográfica, econômica e social, mas sobretudo denuncia as injustiças sofridas pelos posseiros, índios e peões, provocadas pelas grandes empresas que estavam se estabelecendo na região com o dinheiro farto dos cofres públicos, através dos incentivos fiscais, em projetos aprovados pela Superintendência de Desenvolvimento da Amazônia – SUDAM.

Todas as denúncias vinham comprovadas com uma série de documentos que até hoje ninguém contestou.

TESTEMUNHA

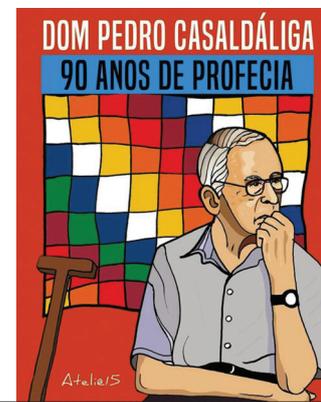


Foto: Arquivo da Prelazia de São Félix do Araguaia



Santos e Dom Tomás Balduino, consagrantes

UMENTO CHEIO DORES”

A carta apela para a consciência e a solidariedade dos cristãos. Apelava também aos latifundiários: “pediríamos, se nos quisessem ouvir, um simples pronunciamento entre sua fé e seu egoísmo.” Apelava às autoridades: “Apelamos às supremas autoridades federais, para que escutem o clamor abafado do povo; para que subordinem os interesses dos particulares ao bem comum; a política da “pata do boi”, à política do homem.”

E na carta se expressavam, de forma clara, os compromissos desta igreja, movida pelo Evangelho de Jesus Cristo na luta ao lado deste povo esquecido.

O Boletim ‘NOTÍCIAS’ da CNBB, a qualificou de “UM DOCUMENTO CHEIO DE DORES”.

REPERCUSSÃO NACIONAL

A carta foi divulgada pela CNBB no dia 9 de novembro e encontrou enorme repercussão em todo o Brasil. Jornais de quase todos os estados divulgaram o documento e muitos destacaram trechos inteiros do mesmo.

O jornal “O SÃO PAULO”, da Arquidiocese de São Paulo, já em 23/10/71, comentava com destaque a carta e no dia 23/11/71 falava da repercussão que estava provocando.

O “JORNAL DO BRASIL” do Rio de Janeiro no dia 11/11/71, publicou editorial intitulado: “DENÚNCIA DO BISPO”, em que dizia: “Não há dúvida de que o documento

do Bispo de São Felix não pode cair no vazio. Surge num momento de certo modo propício e fere um tema que está nas cogitações das autoridades, empenhadas em integrar um país de proporções continentais, como é o nosso”. (Jornal do Brasil – 11/11/71).

Já “O ESTADO DE SÃO PAULO”, defensor e porta-voz dos latifundiários publicou editorial com o seguinte título: “A MÁ FÉ E A DEMAGOGIA DESTE BISPO” (OESP 13/11/71) e o “JORNAL DA TARDE” também de São Paulo publicou: “A INJUSTIÇA DO DOCUMENTO SOBRE A AMAZÔNIA” (JT 15/11/71). Os dois

editoriais defendem os latifundiários, fazendo-os passar por grandes desbravadores. Estes editoriais foram elogiados pela Associação dos Empresários Agropecuários da Amazônia e pelo dono da Fazenda Suiá-Missu, Herminio Ometto. (O ESP – 2/12/71).

O jornalista Sebastião Nery, em sua coluna no jornal “TRIBUNA DA IMPRENSA”, do Rio de Janeiro, transcreve trechos da carta, dando eco às denúncias do bispo. (Tribuna da Imprensa 11/11/71).

Várias agências de notícias internacionais e a Nunciatura Apostólica, procuraram na CNBB em Brasília, cópias do documento.

DOCUMENTO “LIMPO, PRECISO E IMPARCIAL”

A reação das autoridades diante do documento foi diferente.

O presidente da FUNAI, Gal. Bandeira de Melo e o Ministério do Interior negaram-se a comentá-las.

Já a SUDAM, através do Cel. Igrejas Lopes, disse que o assunto já era do conhecimento dos organismos de segurança e que “nosso país é democrático e por isso assegura a qualquer um ter terra, latifúndios ou minifúndios”. (JB 11/11/71) A “FOLHA DO NORTE”, de Belém, reproduz as críticas do Cel. Igrejas, com a seguinte manchete: “BISPO SEM FÉ PARA IGREJAS” (Folha do Norte 11/11/71). O Coronel dizia

que o documento era “subversivo” e “caluniador”.

O presidente do INCRA, José Francisco Cavalcanti, disse que “as denúncias representam uma realidade que deverá ser modificada em breve com as iniciativas já estruturadas de discriminação de terras.” (JB 12/11/71).

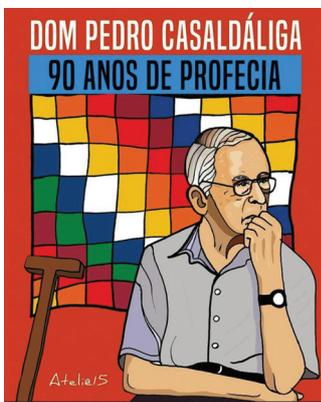
O Senador Correia da Costa, da Arena de Mato Grosso, afirmou que “jamais teve conhecimento de trabalho escravo no Mato Grosso” ... e que “em Mato Grosso reina paz social.” (Folha de São Paulo 11/11/71).

O Governador do Estado, José Fragelli, disse que “o bispo exagerou ao denunciar injustiças”. (Globo 16/11/71).

As declarações do Cel. Igrejas Lopes foram rebatidas pelos Bispos do Norte 1 reunidos que enviaram telegramas de apoio e solidariedade ao Bispo Pedro e por Dom Ivo Lorscheider, Secretário Geral da CNBB, que considerou o documento “limpo, preciso e imparcial.” É muito fácil dizer o que o Cel. Igrejas disse, quero ver ele provar como fez o Bispo de São Félix”, disse dom Ivo. (Jornal da Tarde – São Paulo 12/11/71).

Muitos hoje consideram esta Carta Pastoral um marco na história da Igreja do Brasil, pela coragem da denúncia.

Foi traduzida para diversos idiomas.



CIDADÃO UNIVERSAL COM CORAÇÃO LATINO-AMERICANO

Foto: Esteban Lopes Gonzalez

PAULO GABRIEL,
AGOSTINIANO

“Tenedme por latino-americano, tenedme simplemente por cristiano si me creéis y no sabeis quien soy”.

Assim se expressa Pedro Casaldáliga em um de seus poemas. E acrescenta:

“Somos um Continente na opressão e na dependência. Devemos ser também um Continente na libertação, autóctone. Solidariamente fraterno. Ameríndio, negro, crioulo”. Essas palavras fazem parte de um texto que Pedro escreveu na Agenda Latino-americana de 1993.

Foi-me pedido escrever sobre Pedro e a América Latina para esta edição de Alvorada, comemorativa dos seus 90 anos, a sua contribuição na caminhada da Igreja Latino-americana.

8

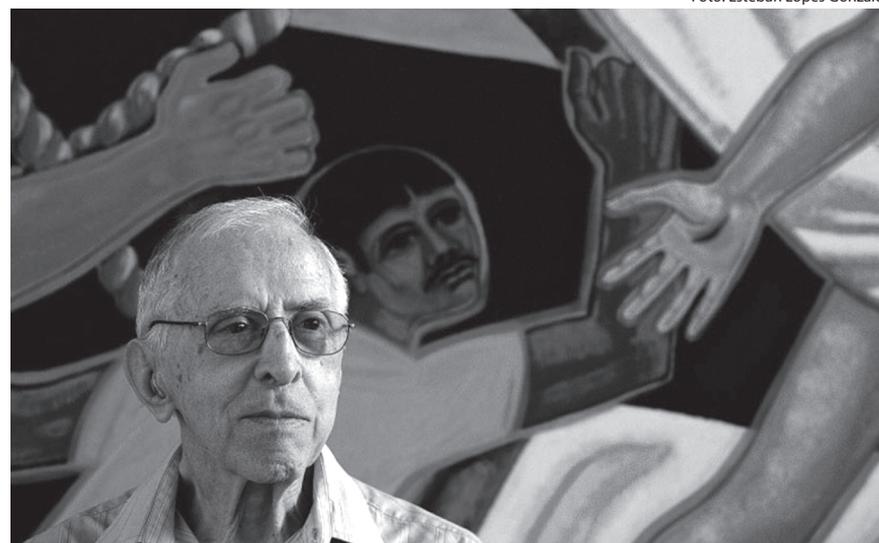
CABEÇA E CORAÇÃO LATINO-AMERICANOS

Por motivo dos 80 anos de Pedro eu escrevi que Pedro é um “Catalão universal” com coração latino-americano.

Sentindo-se cidadão do mundo, suas causas são mais importantes que sua vida, como insiste em afirmar, causas comuns que ele resume no desafio de “humanizar a humanidade”. Ao mesmo tempo, sua paixão pela América Latina é de todos conhecida. Conhece como poucos a história e a literatura latino-americanas.

Pedro chegou ao Brasil, em 1968, para preparar a criação da Prelazia de São Félix do Araguaia da qual seria nomeado primeiro bispo em 1971. 1968 é simbólico para a Igreja Latino-americana, pois neste ano aconteceu o encontro do Episcopado Latino-americano em Medellín, na Colômbia, concretização pastoral do Concílio Vaticano II em nosso Continente.

A Prelazia de São Félix do Araguaia levou à risca, na prática, as intuições pastorais de Medellín: “a opção pelos pobres e pela Justiça”. Isso teve um preço alto de perseguição e martírio, mas teve também a graça divina de ser uma Igreja pobre e na periferia do mundo que iluminou toda a Igreja com o seu



testemunho evangélico. Na Prelazia de São Félix do Araguaia, afirma Leonardo Boff, aconteceu uma verdadeira “eclesiogênese”.

Deus me concedeu o privilégio de viver 20 anos ao lado de Pedro. Sou testemunha de sua paixão pela América Latina, paixão que contagiou toda a equipe pastoral e todos aqueles aos quais chegaram suas palavras ou seus escritos. Amigo e admirador dos grandes bispos latino-americanos, Santos Padres deste Continente, até hoje conserva no seu quarto as fotos de Mendez Arceo e Samuel Ruiz, mexicanos; Angelelli, argentino, assassinado pela ditadura daquele país; Leonidas Proaño, equatoriano, defensor dos índios, Helder Câmara, Tomás Balduino, brasileiros, e claro, presidindo todos eles, Oscar Romero, salvadorenho. Na capela da casa onde vive junto com a comunidade agostiniana, que agora cuida dele, conserva-se uma relíquia, fragmento da túnica ensanguentada de “São Oscar Romero de América” - poema que percorreu o mundo - junto com outra relíquia de Ignacio Ellacuría, jesuíta assassinado pela ditadura de El Salvador e grande pensador da teologia e da história latino-americanas.

A paixão pela caminhada da Igreja em nosso Continente o levou a percorrer a América Central na década de 80. Lembro nitidamente do dia em que reuniu a equipe pastoral anunciando que se sentia chamado a ir à Nicarágua para solidarizar-se com a greve de fome que, o então ministro

e padre do governo sandinista, Miguel D’Escoto, levava a cabo. Ida e compromisso missionário que lhe trouxeram muitos conflitos com o episcopado daquele país e com a Cúria Romana, mas que, ao mesmo tempo, semeou muita esperança e testemunho evangélico naquelas comunidades tão machucadas pela guerra. Fruto daquela primeira viagem, nasceu o livro “Nicarágua: combate e Profecia”. Em 1987, o Vaticano lhe comunicou que, se voltasse à Nicarágua seria deposto como bispo de São Félix do Araguaia. Depois de um longo discernimento na equipe pastoral, decidiu-se que eu fosse no lugar dele para explicar o que estava em jogo. Fui testemunha do carinho, da admiração e do respeito daquele povo nicaraguense a Pedro, vendo nele o exemplo do “Bom Pastor”. Pedro respondeu às críticas afirmando que fora eleito bispo para ser bispo da Igreja e aquele povo era Igreja viva e crucificada.

A ORIGINALIDADE CRISTÃ DA IGREJA LATINO-AMERICANA

José Maria Vigil, claretiano como Pedro e grande amigo dele - juntos fazem há mais de 25 anos a “Agenda Latino-americana” -, publicou em 1991, na revista Sal Terrae, um artigo onde apresenta de forma clara e brilhante as características da Igreja Latino-americana. Apenas as enumero, porque são um verdadeiro resumo das opções de Pedro, características que ele ajudou a imprimir nesta Igreja:

A opção pelos pobres; as Comunidades Eclesiais de Base; a Teologia da Libertação; o estudo popular da Bíblia; a espiritualidade da Libertação; os Mártires; a fidelidade nos conflitos; a nova visão missionária; a solidariedade com todos os povos.

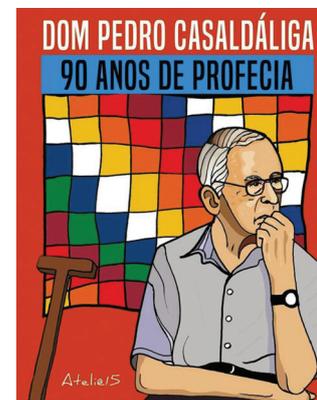
Por trás de cada um destes itens há uma nova compreensão da eclesiologia, do papel dos leigos e leigas na Igreja, da liturgia, da missão evangelizadora, do compromisso com a realidade, do diálogo inter-religioso, macro-ecumênico. Missão que se sintetiza no compromisso de ajudar a explicitar no mundo o Reino de Deus, já presente na história.

Felizmente, o papa Francisco retoma hoje, corajosamente, para toda a Igreja as grandes intuições e compromissos da Igreja Latino-americana, Igreja da qual ele é fruto.

A MODO DE CONCLUSÃO

É de todos conhecida a admiração que Pedro tem pelos mártires e pelo martírio. Talvez porque, sendo menino, viu ser assassinado durante a guerra civil espanhola seu tio Luís, sacerdote jovem. Esta admiração pelos que entregam totalmente a vida no seguimento de Jesus e na construção do seu Reino, o levou a construir na Prelazia o Santuário dos Mártires. A Igreja latino-americana é rica no testemunho martirial. Pedro nunca escondeu que desejava a graça do martírio como prova maior do seu amor por Jesus de Nazaré. E Deus o escutou. Não conheço martírio maior que este que agora vive. Ele, que foi o homem do gesto e da palavra vibrante, fala agora com o seu silêncio imóvel; ele, que não aquietava (a repressão lhe colocou o codinome de “palito elétrico”), está, há anos, numa cadeira de rodas levado e trazido por mãos amigas. Eu, que o conheci quando botava fogo em todos nós pela sua inquietude e teimosia, consigo ver agora na sua serenidade, o testemunho maior do mártir vivo, a certeza de que Deus passou e continua passando por nossas vidas na pessoa humilde, carismática e plenamente humana que é Pedro. Verdadeira testemunha de Jesus. Nas últimas frases que amigos comuns conseguiram entender dele, meses atrás, afirmou: “agora sinto Deus em tudo e em todos.”

PEDRO PROFETA E POETA - GUERREIRO DA CAUSA INDÍGENA



CONSELHO INDIGENISTA MISSIONÁRIO - CIMI

Quiseram te matar, mas não conseguiram; quiseram te expulsar do Brasil, mas foi em vão; te acusaram de subversivo e comunista, e fortaleceram teu compromisso com a causa dos pobres e com a justiça; te caluniaram e transformaste esses impropérios em novas energias na construção do Reino de Deus.

Dom Pedro Casaldáliga – ou só Pedro, como sempre preferiu – é presença indispensável na caminhada do Conselho Indigenista Missionário (Cimi). Participou de maneira decisiva nas Assembleias Gerais, desde a primeira, em junho de 1975.

Foi marcante a presença de Pedro nas ruínas de São Miguel, na região missioneira do Rio Grande do Sul. Naquela ocasião, propiciou um momento magnífico ao celebrar a Missa da Terra Sem Males, com texto seu e música de Martin Coplas, em abril de 1977. Um momento inesquecível de celebração da memória do assassinato de Sepé Tiaraju e seus guerreiros Guarani.

Dom Pedro e Dom Tomás Balduino foram fundamentais na criação e consolidação do Cimi e da Comissão Pastoral da Terra (CPT), pastorais que procuravam tornar realidade as decisões do Concílio Vaticano 2º e dos encontros de Medellín e Puebla. Pastorais que procuraram encarnar a radicalidade do Evangelho em dimensão nacional e continental.

Martírio e esperança

Dirigindo-se “aos homens e mulheres que deram a vida pela vida”, Pedro Casaldáliga afirma, na sua Carta aberta aos nossos mártires: “por vocês, sobretudo, nossa América é o continente da morte com esperança”.

Com suas palavras, também lembramos dos mártires de longe e de perto que derramaram seu sangue pela vida, em especial os povos indígenas e os mártires do Cimi, Padre Rodolfo e Simão Bororo (1976), Padre João Bosco Burnier (1976), Irmã Cleusa Rody Coelho (1985), Padre Ezequiel Ramin, Vicente Cañas (1987). A vida nasce da morte. O sangue derramado tornou-se um testemunho vigoroso, um sinal de Deus, visível aos olhos de nossa Fé.



Indo para uma Assembleia indígena

Pedro deu um testemunho radical pela causa indígena, de maneira especial, com os Tapirapé, os Karajá e os Xavante de Marãiwatsêdê, cujas lutas e dramas apoiou com todas as suas forças. Assim foi também com o casal Luiz e Eunice e as irmãs de Jesus, que, junto a D. Pedro, conviveram com os Tapirapé na Prelazia de São Félix. Em 1973, o sétimo boletim de um então nascente Cimi caracterizava este como “um dos mais aplaudidos e sérios trabalhos que já se tem feito junto aos povos indígenas do Brasil”.

Em tempos de repressão expressar compromisso com os mais fracos era motivo para perseguição – especialmente dura na região do Araguaia. O CIMI esteve solidário à Prelazia de São Félix nos momentos de perseguição e quando, em dezembro de 1975, o Padre Francisco Jentel, após vinte e um anos de presença solidária junto aos Tapirapé e ao povo de Santa Terezinha, foi covardemente expulso do país.

Raiz, Inspiração e testemunho profético

Cimi. essas “quatro letrinhas malditas”, que incomodaram muita gente, têm no coração o pulsar profético desse nosso irmão com quem partilhámos caminhos de dor e alegria, de esperança e de martírio.

Pedro foi presença indispensável nas horas difíceis, como em 1977, quando alguns bispos quiseram silenciar ou ex-

tinguir o Cimi. Foi nosso anjo da guarda. Nos animou com sua inabalável esperança – “Podem roubar-nos tudo, menos a esperança”, afirmou certa vez. Pedro foi pedra na qual pudemos recostar nossas cabeças com total confiança.

A dupla guerreira e aguerrida, Pedro e Tomás, são nosso horizonte no compromisso e testemunho junto aos

povos indígenas na luta pelas suas vidas e direitos. Assim como são e sempre serão aliados da primeira hora dos oprimidos, dos camponeses, dos povos tradicionais e todos os lutadores pela justiça e paz no campo e na cidade.

Pedro, os povos indígenas e o Cimi

Em sua humildade evangélica radical, Pedro foi sempre uma presença solidária junto aos povos indígenas e missionários. Nunca aceitou nenhum ‘cargo’ no CIMI.

Por ocasião do Congresso dos 30 anos do Cimi, não podendo estar presente, enviou uma mensagem que até hoje continua fortalecendo nossa caminhada de solidariedade com os povos indígenas. Nela dizia: “me faço presente de coração nesse Congresso dos 30 anos de memória, missão e utopia, caminhada de generosidade, teimosia e esperança. Somos soldados derrotados de uma causa invencível. Devemos continuar sendo, na oração e no sonho, radicais”.

Nós, do Cimi – e certamente também os povos indígenas – somos imensamente gratos a Deus e a Pedro.

Fevereiro 2018

PEDRO NOS AJUDOU DEMAIS

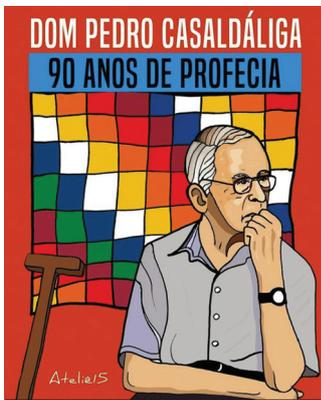
É um grande homem, o bispo Pedro, ele foi uma pessoa que nos ajudou demais. Mandou uma enfermeira com medicamentos para nos ajudar. Antes, quando a gente adoecia, tinha que ir no farmacêutico comprar remédio, mas, depois que ele mandou essa pessoa, aí melhorou muito. E não foi só para os Karajá, não. O bispo Pedro, pelo meu conhecimento, ele se dá com todo mundo.

Ele é meu amigo, o pessoal da Prelazia de São Félix, todos me ajudaram, mas principalmente Pedro, a Ir. Irene são as pessoas que me sustentaram ali na casa dele, na hora de viajar para Brasília. Eu considero ele como um tio ou como um avô porque, quando ele me vê quer conversar, então eu só quero agradecer a ele. Quero que Deus abençoe ele. Eu quero muito o bem dele.

No processo da terra teve uma participação assim, a gente não tinha direito no Mato Grosso. Ele disse, não, o direito do índio é em qualquer lugar

do Brasil, principalmente onde que estão enterrados seus antepassados. Ele estava me alertando de que o presidente da Funai estava só me enganando. Depois, Pedro me deu incentivo, eu fui a São Paulo no encontro dos caciques, em 1981. Lá eu contei para os outros caciques que eram Domingos Veríssimo, Mário Juruna. Eles me deram o Estatuto do Índio pra eu ler e entender direitinho os nossos direitos. Quando eu voltei, já sabia pra quê Dom Pedro sempre me alertava pra conversar direitinho com o presidente da Funai: a terra era minha, onde a cidade de Luciara foi criada. Lá não era de tori. Lá era de índio! Lá era roça onde plantava milho, mandioca, batata, todo plantio. Por isso, com o alerta, a gente conseguiu. A terra está lá para todo mundo ver. A demarcação de nossa terra, foi a Prelazia de São Félix que ajudou.

Carlos Waximauri Karajá



CASA E IGREJA NA VIDA DO PADRE-BISPO PEDRO

Pediram-me para pensar qual foi a profecia vivida na Prelazia de São Félix do Araguaia a partir da experiência do reconhecido profeta Pedro Casaldáliga. Já fiz isso em outro momento. Hoje, quero dar graças a Deus pelos 90 anos dele e pela chance que eu e tantos outros irmãos e irmãs de caminhada tivemos, anos atrás, de aprender e partilhar na região a experiência da casa-igreja que Jesus e Pedro e equipes pastorais nos animaram a construir.

MERCEDES BUDALLÉS DIEZ

Em 1986, aceitei o convite para ir à Prelazia de São Félix do Araguaia como agente de pastoral. No dia da minha chegada, “na casa do Pedro” - como o povo chamava e ainda chama a simples casa onde ele continua morando -, chegaram um lavrador, o Chico e sua mulher Luísa, para pedir ao bispo que fosse “celebrar uma Missa na casa deles para esclarecer muitas coisas confusas na cabeça do povo e assim Deus afastaria da comunidade o desentendimento”. Eles acrescentaram outros vários assuntos, especialmente a Luísa contou a dificuldade de muitas pessoas para entender o que a Equipe Pastoral explicava quando a comunidade se reunia. O bispo Pedro concordou com a ida e anotou a data combinada. Na despedida, o casal pediu a bênção ao padre Pedro. Logo, ele nos convidou a tomar um cafezinho. Depois do café, Pedro me pediu para conversar com o casal. Eu aproveitei a ocasião para entender um pouco mais sobre a dinâmica da pastoral na Prelazia. Lembro que o Chico repetia: “O padre Pedro caminhou muito pela nossa região. Chegava com outros agentes da Prelazia às nossas casas, conversávamos, rezávamos. E assim foram explicando o que Jesus fez e o que devíamos aprender a fazer”. “Tempo bom aquele das caminhadas a cavalo dos missionários, com reuniões nas nossas casas, todos ao redor da mesa no tempo de chuva ou fora, no quintal, debaixo da mangueira quando partilhávamos os nossos problemas, os nossos medos e as nossas comidas, beiju, bolo, laranjas, bananas...”, acrescentou Luísa. “O padre Pedro e os meninos eram como pessoas da

família. Ganhamos pai e filhos. Nossa comunidade era a nossa igreja”.

Estes testemunhos marcaram minha vida. Caminho, casa, mesa, família, igreja. Chico e Luísa falaram o que o Evangelho afirma que foi a vida de Jesus.

O evangelho da comunida-

esquentou o coração do casal. Eles, com entusiasmo, o convidaram para ficar aquela noite na sua casa. E Jesus entrou, sentou à mesa para partilhar o pão e a vida.

No tempo da chegada dos Missionários Claretianos - os primeiros o irmão Manoel e o padre

Foto: Arquivo Prelazia de São Félix do Araguaia



Pedro, em sua casa, com seu Zé, 1982

de de Lucas conta como um casal amedrontado e desanimado abandonou Jerusalém depois da morte violenta de Jesus (Lc 24,13-35). A conversa triste entre Cléofas e sua esposa Maria, fez com que Jesus, que estava também a caminho, entrasse na conversa e escutasse as lamúrias acontecidas nos últimos dias. Com a liberdade e simplicidade de sempre, Jesus apontou sua falta de fé e lhes explicou a proposta do Deus da vida, como conta a própria Bíblia. O fez com tanta sabedoria e unção que

Pedro - como os antigos gostavam de chamá-lo ainda depois de ser bispo, o Brasil vivia uma situação de violência. A região do Araguaia estava ficando nas mãos de grandes fazendeiros gananciosos que acumulavam terra e despejavam índios e posseiros, os verdadeiros donos da terra, com todo tipo de ameaças e crueldade. O povo ficou com medo, sem ação. Perceber esta situação e agir com o Evangelho na vida e na pregação foi a reação dos primeiros evangelizadores, religio-

sos e leigos e leigas que chegaram de diversos cantos do Brasil. Eles e elas percorriam a região de São Félix do Araguaia, sempre a caminho, à escuta, entrando nas casas e partilhando com as famílias o que tinham. Sentavam-se ao redor da mesa e compartilhavam a vida, a oração e a comida. De fato, surgiram as casas-igreja. E, dentro dessas casas-igreja, começaram os cursos de alfabetização, práticas de saúde popular, clubes de comadres, catequese encarnada nas necessidades do lugar etc. Respiravam e partilhavam a espiritualidade do Deus da vida na vida do povo.

À luz dos fatos, surgiu a carta pastoral do Pedro no dia de sua ordenação como Bispo, “Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio e a Marginalização Social”.

Será que o bispo Pedro e a equipe pastoral, com sua palavra e vida estavam dizendo a aqueles que roubavam e acumulavam, o que Jesus já dissera? “O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10). “Eu te louvo Pai, Senhor do céu e da terra porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos” (Lc 10,21).

Todo Império, todo poder, até hoje, quebram as relações da casa. Assim o fez o Império Romano, no tempo de Jesus e igualmente o fizeram as Ditaduras Militares em vários países da América Latina na segunda metade do século XX. A Prelazia de São Félix do Araguaia, nesse momento histórico, reviveu a casa-igreja que Jesus viveu e o apóstolo Paulo espalhou pelas comunidades que visitava.

JUVENTUDE, OLHOS ABERTOS À DISTÂNCIA, OUVIDOS ATENTOS E PASSOS LEVES!

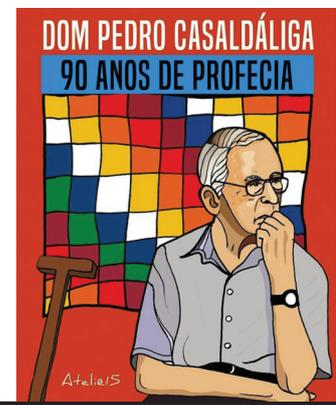


Foto: Douglas Mansur

MARCO ANTONIO GALLO*

Pedro Casaldáliga é para a juventude um dos maiores símbolos da rebeldia evangélica que nossos tempos necessitam. Seu jeito humano e leve de lutar inspirou e continua inspirando muitos jovens ao compromisso de seguidores e seguidoras de Jesus de Nazaré! Sua vida e missão são reveladoras, são a prova clara de que a Igreja só está próxima do Reino quando se coloca próxima dos pobres e marginalizados.

Nesses anos todos de Pastoral da Juventude vivemos altos e baixos e buscamos, todos os dias de nossas lutas, mantermo-nos fieis ao caminho indicado por Jesus. Pedro nos ensina isso com sua vida, com seus jovens 90 anos, com voz trêmula e olhar profético, sussurra em suas rugas a mais forte palavra que resume a união de juventude e Igreja: ESPERANÇA.

A PJ, assim como todo o segmento da Igreja que opta pelos pobres numa experiência popular e militante, viveu e ainda vive a perseguição e opressão. Porém, animados pelos testemunhos dos mártires da caminhada e de tantos outros profetas que ainda vivem conosco nessa alegria momentânea que é o mundo, nos mantemos firmes num caminhar de passos leves, olhos atentos à distância e bem abertos. Ao final das contas, o importante é caminhar entre o presépio e a cruz na certeza da luz!

Com Pedro aprendemos que os passos leves nos dão acesso a todos os lugares onde a Palavra viva e encarnada deve chegar, passos leves são serenos, inculturados, singelos, misericordiosos, assim foram e são os passos desse nosso profeta do Araguaia. Com Pedro compreendemos que nossos olhos jovens devem estar atentos à distância que há entre o que passou e o que somos hoje e entre onde estamos e o Reino que se aproxima, Pedro nos ensina isso: compromisso libertário com a história e coração valente para o futuro esperançoso que urge em nossas vidas. Com Pedro aprendemos que nossos olhos devem estar sempre bem abertos, para não cairmos na cegueira que o sistema produz, que faz cabeças acreditarem que a fome e



a miséria são naturais; aprendemos que, com os olhos abertos, não há coração fechado. Pelo contrário, há coragem para encarar as mazelas desse mundo com determinação e compromisso de transformação.

Nesse ano em que celebramos 90 anos de nosso Profeta, nós, da Pastoral da Juventude, queremos reafirmar nosso compromisso com o Reino numa atitude de ação de Graças pela Vida de Nosso Profeta, agradecer a Deus por este nosso companheiro de caminhada que, em sua singeleza, nos anima na luta por um mundo novo. Comprometemo-nos a fazer ecoar o que um dia nos pediu: Somos Igreja Jovem, popular, comprometida, “esperançada e esperançadora”! A Pastoral da Juventude Pula, Grita, Canta e Luta pelos 90 anos de Pedro Casaldáliga!

Amém, Axé, Awire, Aleluia!

*Agente de Pastoral referencial da PJ na Prelazia de São Félix do Araguaia

Agradeço por viver nesta Igreja profética

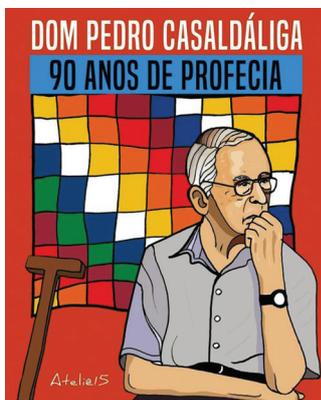
Cheguei na Prelazia em dezembro de 1995, em Ribeirão Cascalheira, tempo de graça, pois estavam começando a preparação para a ROMARIA DOS MÁRTIRES DA CAMINHADA de 1996, com o lema “VIDAS PELA VIDA”. Eu vinha dali de perto, de Campinápolis MT. Sempre participei da igreja de forma bem ativa. Mas, a chegada na Prelazia me fez repensar o meu jeito de participar. No começo de 1996, o Bispo Pedro veio fazer visita pastoral à comunidade, eu ainda não o conhecia. Ele chegou no meio da semana e começou visitar todas famílias que tinham chegado na cidade naquele ano, os doentes da comunidade e as famílias que tinham perdido algum parente. Fiquei admirada com isso, era novo pra mim, nunca tinha visto um bispo fazer isso. Como tínhamos chegado naquele ano, ele veio nos visitar.

Naqueles dias se faziam

celebrações nos grupos de rua em preparação à Romaria. Tudo era muito simples, alegre e bonito, rezávamos nos quintais das casas, pois não cabia nas salas. No meu coração também não cabia tanta alegria e questionamentos diante do que era ali contado. O testemunho do Bispo Pedro, sua vida, seu jeito humilde de tratar o povo, a coragem de enfrentar os poderosos e nunca abandonar seu povo e esta terra, me fez repensar o meu jeito de ser igreja. Hoje posso afirmar que no meu coração mora a Esperança, a vontade de lutar pelos direitos dos pequenos do Reino e a gratidão a Deus de ter me dado a oportunidade de viver nesta igreja profética, de conhecer esse homem de Deus e do povo, Bispo Pedro Casaldáliga.

Sílvia Ludovina Barroso
Quintino

Ribeirão Cascalheira.



ESPERANÇA ECUMÊNICA (ou Ecumenismo para além de Fronteiras)

DOM SEBASTIÃO ARMANDO GAMELERIA,
BISPO ANGLICANO

“Esperança, vamos manter a Esperança, Esperança ecumênica”

Quando estive em São Félix pela primeira vez, acompanhado de minha mulher Madalena, ajoelhei-me junto à cadeira de Pedro e lhe disse: “Aqui é para chegar de joelhos porque estamos a penetrar num santuário”, e beijei sua face com emoção. E ele me respondeu com a frase citada acima.

Dom Pedro é dessas pessoas inteiras, que você ou admira ou despreza e até odeia. Assim tem sido ao longo de sua vida. É feito de contrastes tão fortes que não deixa margem a ambiguidades. Capacidade de viver qualidades e carismas aparentemente opostos pode ser sinal de santidade, dizia meu professor de Introdução à Teologia. Sua ternura impressa em olhos quase de criança se combina, em paradoxo, com a indomável coragem de leão; sua humildade, a ponto de suportar alegremente humilhações, se entrelaça com indomável rebeldia. Seus sonhos são celestiais, projetados bem além das estrelas, mas os pés afundam no húmus de sentimentos e pensamentos que se fazem as próprias raízes de seu ser. Por isso, como poucos seres humanos e raríssimos eclesiásticos, é radical, encarna no agora de hoje as utopias do amanhã. Nisto é admiravelmente discípulo, semelhante ao “Verbo que se faz carne” (Jo 1, 14) e que é passado, presente e sempre futuro (cf. Gn 1, 1; Cl 1, 14-20; Ef 1, 15-23). Não apenas projeta, mas é, em seu próprio ser: opção por pessoas e povos empobrecidos, pobreza evangélica, Igreja da Libertação e de comunhão, bispo servo e irmão, “rebelde fidelidade”, Pátria Grande Afroameríndia, Macroecumenismo... pequeno “palito” do rincão de São Félix, cuja meridiana luz e a benfazeja sombra se projetam sobre todos os continentes.

Porque o tem vivido intensamente – é a fonte secreta de sua experiência espiritual e de sua poesia – Dom Pedro foi capaz de intuir o que proclamava em assembleia continental de nossa Afroameríndia: Macroecumenismo, Ecumenismo sem fronteiras, a não ser aquelas que a Vida mesma estabelece. A aliança não se dá necessariamente em torno da “Religião” (seria ficar no nível da linguagem, da cultura). Mas sim, em torno



da “Fidelidade” prática. Lembremo-nos de Jesus: “Não é quem diz: ‘Senhor, Senhor’, mas quem faz a vontade do Pai”... A grande linha de fronteira passa entre quem vive “para si” e quem vive “para além de si”. Sim, porque não é possível amar a não ser se já se está em Deus, mesmo que não se saiba dizer. Pois não se trata de “saber”, mas de ser e fazer. É o que nos ensina São João: “Quem ama, ‘conhece’ (por experiência) a Deus” (1Jo 4, 7-8).

Por sua profunda, e diria, sensível experiência de Deus, Dom Pedro percebe intensamente, lucidamente, quem está do lado do Reino (outra categoria que lhe é familiar) e quem “está contra nós” (Mc 9, 40).

Por isso entende o Ecumenismo “para além” de todas as aparentes fronteiras religiosas a ponto de se sentir irmão universal de todas as pessoas que se abrem à fraternidade com o Pobre, pois, pela sabedoria do coração, já intuem que aí está Deus. A oposição já não se estabelece entre “crença” e “ateísmo”, mas entre Amor e Idolatria ou, como dizia Jesus, entre Serviço/Partilha e Afirmação de si mesmo(a), entrega da própria vida e perda de si (cf. Mc 8, 34-37).

Depois daquele primeiro encontro, em 2013, Dom Sebastião escreveu o poema abaixo:

A Dom Pedro, às vésperas da Páscoa

(Quase-poema para Dom Pedro Casaldáliga, irmão e pai, de fé ecumênica, herói, confessor da fé, nas terras significativamente vermelhas das margens do Araguaia)

Pedro
terra firme em margens
que se movem
serena placidez
de pedra
bem assentada, rochedo
inexpugnável
incrustado
nas areias
das beiras
do Araguaia

sacramento
mais que sinal
símbolo vivo
da Presença real
da Rocha, fortaleza, baluarte,
refúgio, alto retiro, cidadela, abrigo,
esconderijo... (Sl 18; 31; 71)

rochedo
inabalável, para suportar
o peso de pés e passos
inumeráveis
de multidão em movimento:
aborígenes, quilombolas, posseiros,
pequenos lavradores, gente sem terra,
desesperada
descrentes
crentes sem lugar...
feitos movediças terras
de enchente
migrantes de tantas buscas
peregrino caminhante
pés quase descalços.

Pedro
pedra da Igreja
episcopo
de largo olhar
sucessor na cátedra
de Pedro
colega de tarefa

e de cabeça
de Cipriano de Cartago
fundamento do edifício
da *ecclesia*, alternativa
comunidade, amplo redil, abrigo
aberto, imenso território d'outro reino,
d'outro mundo.

Pedro
pedra
de arremesso,
carismático inquieto, incômodo
tal o amigo de Jesus
tirada da funda – coragem invencível –
de pequeno Davi
para entontecer por terra
gigante Golias
de tantas ditaduras:
do latifúndio, devastador de terras e
de gentes;
dos militares e covardes civis,
ameaçador, de tanques e tribunais;
do cruel jogo de poder das cúrias
eclesiásticas
despidadas
escondidas
encobertas em batinas
de escarlate coloridas.

Pedro
pedra nas mãos
de criança travessa
a estilhaçar
protetoras vidraças.

Pedro
pedra preciosa,
pérola oculta
em campo distante
comprado por Jesus,
de beleza transbordante, para além
das margens
de toda medida

do dogma e da razão
“herético e erótico”,
sentenciava uma vez
o já defunto cardeal,

irradiante, brilhante
cor de rubi, salpicada
de sangue
da Paixão
de mártires, confessores e místicos.

Pedro
apaixonado
sereno, arrebatado
indefeso, indomável
violinista
dos concertos de Deus,
“rostro transfigurado”
a encantar, perturbar ateus
como Antônio Callado.
Pedro
pedra
livre, leve
alegria saltitante
chama -- impossível deter--
a subir, espalhar-se
na direção do sopro
do Vento
por todos os continentes.

Pedro
qual fogo
que aquece as noites (Lc 22, 55),
chama que se gasta
mais pequeno, frágil, enfermo
agora pobre completamente,
luminoso clarão
alvorada em nós
de Ressurreição.

São Félix do Araguaia, 2013